

ENTRE TEORIA E PRÁTICA: DO PRÉ-CAMPO AO TRABALHO DE CAMPO NO ENSINO DE GEOGRAFIA

Between theory and practice:
from pre-field to fieldwork in Geography teaching

Entre la teoría y la práctica:
del trabajo preliminar al trabajo de campo en la enseñanza de la Geografía

Vanessa Evangelista de Souza*
Isabella Menezes Gonçalves**
Tereza Genoveva Nascimento Torezani Fontes***
Maria Licia Silva Queiróz****

*Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), Ilhéus, Brasil – vesouzageo@gmail.com

**Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), Ilhéus, Brasil – imgoncalves.geo@uesc.br

***Professora da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), Ilhéus, Brasil – tgfontes@uesc.br

****Professora da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), Ilhéus, Brasil – licia@uesc.br

Recebido em 28/10/2025. Aceito para publicação em 29/01/2026.
Versão online publicada em 24/02/2026 (<http://seer.ufrgs.br/paraonde>)

Resumo:

Este artigo discute a aula de campo como uma ferramenta fundamental para a construção de conhecimentos em Geografia, partindo do princípio de que sua eficácia está condicionada a um planejamento e uma contextualização adequados. O objetivo da pesquisa é investigar como o pré-campo se configura um requisito essencial para o planejamento da aula de campo, analisando de que forma essa preparação prévia assegura o propósito pedagógico da atividade e impede que ela seja interpretada como meramente recreativa. A investigação se apoia em um aprofundamento teórico conceitual sobre a relevância da aula de campo e do pré-campo no ensino de Geografia, que subsidia a metodologia de elaboração de uma proposta de planejamento a partir do estudo das rugosidades presentes no centro histórico da cidade de Ilhéus-BA. Os resultados evidenciam que as aulas devidamente planejadas promovem ganhos positivos tanto para a aprendizagem dos conhecimentos geográficos quanto para a formação cidadã. Conclui-se que a proposta de elaboração do pré-campo, aplicada ao contexto das rugas do centro histórico, serve como um modelo prático para orientar o professor durante a fase de planejamento da atividade de campo.

Palavras-chave: Planejamento. Conhecimentos geográficos. Aula de campo.

Abstract:

This paper examines field trips as a fundamental tool for knowledge building in Geography, based on the principle that their effectiveness depends on proper planning and contextualization. The objective of the research is to investigate how pre-field is an essential requirement for planning field trips, analyzing how this prior preparation ensures the pedagogical purpose of the activity and prevents it from being interpreted as merely recreational. The investigation is grounded in a theoretical and conceptual analysis of the relevance of field trips and pre-field in Geography teaching, which supports the methodology for developing a planning proposal based on the study of the roughness present in the historic center of the city of Ilhéus-BA. The results indicate that well-planned field trips promote positive gains both for the acquisition of geographical knowledge and for citizenship education. It is concluded that the proposal for developing pre-field framework, applied to the context of the roughness in the historic center, serves as a practical model to guide educators in the planning phase of field activities.

Keywords: Planning. Geographical knowledge. Field trip.

Resumen:

Este artículo analiza la clase de campo como una herramienta fundamental para la construcción de conocimientos en Geografía, partiendo del principio de que su eficacia depende de una planificación y una contextualización adecuadas. El objetivo de la investigación es indagar cómo el trabajo de campo previo es un requisito esencial para la planificación de las salidas de campo, analizando cómo esta preparación previa asegura la finalidad pedagógica de la actividad y evita que sea interpretada como meramente recreativa. La investigación se apoya en una profundización teórica y conceptual sobre la relevancia de las salidas de campo y el trabajo de campo previo en la enseñanza de la Geografía, lo que fundamenta la metodología para el desarrollo de una propuesta de planificación a partir del estudio de las *rugosidades* (las capas históricas acumuladas en el paisaje) presentes en el centro histórico de la ciudad de Ilhéus-BA. Los resultados demuestran que las salidas de campo bien planificadas promueven beneficios positivos tanto para el aprendizaje de los conocimientos geográficos como para la formación ciudadana. Se concluye que la propuesta de elaboración de la fase de pre-campo, aplicada al contexto de las *rugosidades* en el centro histórico, sirve como un modelo práctico para orientar al docente durante la etapa de planificación de la actividad de campo.

Palabras-clave: Planificación. Conocimientos geográficos. Clase de campo.

1. Introdução

Ensinar Geografia na escola propõe promover o desenvolvimento e ampliação da percepção socioespacial do aluno de maneira crítica, contribuindo para sua reflexão a partir da realidade em que está inserido. Essa concepção propõe a formação de um cidadão que, além de refletir sobre sua realidade a ponto de perceber e identificar problemas, possa se posicionar como sujeitos da vida social, capaz de intervir de forma concreta (Sampaio; De La Fuente, 2019).

Portanto, em Geografia, não basta que o aluno apenas identifique os problemas ao seu redor; é fundamental que ele aprenda a problematizar a maneira como esses fenômenos se manifestam em sua própria realidade. Para que isso aconteça, a disciplina precisa dialogar diretamente com o espaço cotidiano dos estudantes, colocando a realidade deles em movimento. É por meio dessa construção que eles percebem que os fenômenos geográficos não são distantes, mas sim parte integrante de suas vidas.

Nesse sentido, a aula de campo surge como uma ferramenta valiosa para construir essa percepção. Trata-se de uma prática pedagógica que permite ao aluno ver, na prática, como os conceitos teóricos estudados em sala de aula se materializam no espaço. Contudo, para que essa experiência seja de fato proveitosa para a aprendizagem, seu sucesso depende de um planejamento cuidadoso (o pré-campo), que garante o alcance dos objetivos traçados. O pré-campo é, portanto, a etapa dedicada à reflexão teórica e ao planejamento minucioso da atividade a ser desenvolvida.

Nesse sentido, o presente trabalho tem como objetivo investigar como o pré-campo se configura como requisito fundamental para o planejamento da aula de campo em Geografia. Para tanto, o estudo se aprofunda teoricamente na relevância da aula de campo e do pré-campo no ensino Geografia, conhecimento que subsidia a elaboração de uma proposta de planejamento a partir das rugosidades (rugos) presentes no centro histórico de Ilhéus-BA.

O artigo está organizado em duas seções. A primeira, intitulada “Aula de Campo em Geografia: o pré-campo como requisito para a prática de campo”, aborda como a aula de campo em Geografia é importante para aproximar os conceitos geográficos da realidade do aluno e para estimular uma percepção crítica do espaço em que está inserido. Além disso, destaca o pré-campo como um momento significativo de planejamento para o sucesso da aula de campo. Já a segunda, “Planejamento do pré-campo e a leitura das rugosidades (rugos) da cidade: uma proposta em Ilhéus-BA”, apresenta uma proposta de organização da etapa de pré-campo, tomando como referência o centro histórico a leitura das rugosidades (rugos) de Ilhéus-BA.

Por fim, ressaltamos a importância da Geografia para a formação de cidadãos capazes de ler criticamente o espaço, a fim de refletir e pensar sobre sua condição no mundo. Nessa perspectiva, pensar sobre os instrumentos que levem o aluno a fazer leitura do espaço, interpretando-o por meio dos sentidos e da história, faz parte do que a Geografia propõe na educação básica. Portanto, para que este objetivo seja alcançado, a aula de campo é uma possibilidade, desde que bem orientada e planejada.

2. Aula de campo em Geografia: o pré-campo como requisito para a prática de campo

O mundo passou por diversas modificações, sobretudo pelos avanços tecnológicos provenientes do processo globalização. Na mesma direção, a partir da segunda metade do século XX, a Geografia toma novas perspectivas, adotando uma postura mais crítica de análise da realidade. A partir desses pressupostos, a Geografia escolar assume novos rumos para

superar a mera descrição dos fenômenos e dialogar cada vez mais com o espaço vivenciado pelos alunos (Sampaio; De La Fuente, 2019).

Dessa forma, a Geografia ensinada na escola passou a “[...] veicular um conjunto de conhecimentos estruturados, com o objetivo de formar cidadãos que possam compreender e analisar o mundo em sua dimensão espacial” (Cavalcanti, 2019, p. 28). Assim, para que o aluno possa analisar e compreender a dimensão na qual está inserido, os conteúdos e conceitos geográficos devem estar alinhados com a sua realidade mais próxima, para que possa se entender como sujeito da produção do espaço.

Nesse sentido, o professor trilha por um caminho no qual o conhecimento do aluno é construído em diálogo constante com a realidade, o que implica práticas mais criativas que levem à inquietação do sujeito. Essa abordagem o estimula a criar mundos diferentes e a intervir em suas formas de pensar, ser e atuar na realidade. Assim, os modos como o estudante vivencia seus espaços e os significados que atribui à sua realidade podem ser explorados pelo professor a fim de ampliar sua capacidade de pensamento (Cavalcanti, 2019).

Logo, ao relacionar a experiência social dos alunos aos saberes curriculares, o professor, como mediador desse processo, deve não apenas apresentá-los, mas também problematizar como determinado fenômeno se manifesta no espaço de vivência do aluno (Bueno, 2014). Para realizar este movimento de problematização, o professor pode utilizar os mais variados instrumentos pedagógicos, como mapas, imagens de satélite, gráficos, desenhos, entre outros. Sobre isso, Cavalcanti (2019) aponta que a utilização desses instrumentos deve ultrapassar os limites da ilustração para dar sentido e significado às transformações ocorridas na realidade.

Dessa maneira, estabelecer uma proximidade entre a escola e o seu entorno é uma possibilidade de formar um cidadão crítico, participativo e consciente, diante das problemáticas que se manifestam na sua realidade mais próxima. Assim, trabalhar os fenômenos a partir da escala local permite que o estudante estabeleça conexões entre realidade e os conteúdos escolares, para que possa entender o mundo a partir do seu espaço de vivência (Silva; Carvalho, 2019).

Nessa perspectiva, Cavalcanti (2010, p. 11) aponta que esse movimento de aproximação amplia a construção de significados e conecta os conhecimentos escolares à realidade dos alunos. Segundo a autora, este é justamente o ponto de partida para a construção dos conhecimentos geográficos. Desse modo, a Geografia na escola tem o papel

[...] de prover bases e meios de desenvolvimento e ampliação da capacidade dos alunos de apreensão da realidade do ponto de vista espacialidade, ou seja, de compreensão do papel do espaço nas práticas sociais e destas na configuração do espaço. [...] pensar geograficamente contribui para contextualização do próprio aluno como cidadão ao contextualizar espacialmente os fenômenos, ao conhecer o mundo em que vive, desde a escala local à regional, nacional e mundial (op. cit.).

Considerando as proposições de Cavalcanti, levar o aluno a se perceber como sujeito constituinte dos fenômenos refletidos em aula, coloca a realidade em movimento (Freire, 2002), dando sentido e significado ao conhecimento sistematizado. Assim, adotando a prerrogativa dessa relação entre teoria e prática nas aulas de Geografia, o trabalho de campo se apresenta como uma metodologia que dá possibilidades ao professor de levar os estudantes a se perceberem como sujeitos participantes da realidade na qual estão inseridos (Sampaio; De La Fuente, 2019).

Assim, “[...] a aula de campo como metodologia no ensino de Geografia, dá possibilidade para estabelecer a teoria da sala de aula com a realidade espacial dos alunos para estes se perceberem enquanto sujeitos participantes da realidade que estão inseridos” (Sampaio; De La Fuente, 2019, p. 458). Dessa forma, o uso dessa ferramenta pedagógica contribui para a ampliação da visão crítica do espaço e, ao mesmo tempo, leva os estudantes a indagarem como esses espaços são produzidos e constituídos pela sociedade.

A prática de campo constitui o momento ideal em que o professor pode integrar o “espaço real” com o espaço geográfico, conduzindo o aluno, de forma progressiva, a aprender sobre seu espaço na escola e, conseqüentemente, sobre seu papel enquanto sujeito do conhecimento. Agir dessa forma não só significa valorizar o espaço vivenciado pelo aluno, mas também transformá-lo em sujeito do conhecimento e, ao mesmo tempo, em objeto desse processo (Resende, 1989).

Além disso, a aula de campo também representa uma oportunidade para a “[...] análise integrada dos problemas locais, visto que, proporciona uma melhor compreensão da conjuntura social e histórica do ambiente que cerca os alunos [...]” (Silva; Carvalho, 2019, p. 134). Assim, ela contextualiza a teoria abordada, mostrando como esta se manifesta na realidade local. Dessa maneira, esse processo indica um caminho para a construção do conhecimento que parte do local que o aluno vivencia cotidianamente (Resende, 1989).

Nesse aspecto, a aula de campo também é uma forma de estímulo para o aluno pensar de forma crítica e reflexiva, sintetizando e subsidiando discussões sobre aspectos sociais, econômicos, urbanos e culturais, os quais fazem parte do cotidiano do estudante. Este, por sua vez, traz contribuições para a aprendizagem e construção de conhecimento a partir daqueles que convivem diariamente com a dinâmica daquele espaço (Sampaio; De La Fuente, 2019). Dessa forma, esse contato leva o aluno a

[...] refletir sobre a dinâmica do espaço geográfico da qual fazem parte [...] em que é utilizado determinado recorte espacial (local, regional ou nacional) para acentuar e/ou aprofundar conceitos e conteúdos teóricos que podem ser amplamente observados e estudados a partir de uma situação-problema (Sampaio; De La Fuente, 2019, p. 455).

Dessa forma, a aula de campo se consolida como uma importante ferramenta no processo de ensino e aprendizagem, visto que aprofunda os conhecimentos ao articular o espaço real com o espaço geográfico (Resende, 1989). Conforme Behrendt e Franklin (2014, tradução nossa), essa ferramenta contribui para cinco propósitos essenciais: proporcionar uma experiência de primeiro contato; estimular o interesse e a motivação; tornar o aprendizado mais relevante e integrado; promover habilidades de observação e percepção; e, por fim, fomentar o desenvolvimento pessoal.

É por meio das atividades realizadas em campo que os alunos têm a oportunidade ímpar de conhecer a realidade fora da sala de aula, analisando como os conceitos e fenômenos se materializam no espaço, não restringindo sua compreensão apenas a forma conceitual. Assim, as aulas de campo permitem ao estudante compreender as interfaces de um determinado fenômeno – ou seja, como ele se expressa e se reproduz na realidade em que está inserido –, estabelecendo a necessária conexão entre os conhecimentos escolares e a experiência social que possuem enquanto indivíduos (Freire, 2002).

Como toda atividade pedagógica, a aula de campo requer um planejamento, uma análise do percurso e uma programação que contenha objetivos. O planejamento é crucial, pois impede que a aula se limite apenas a uma visita ou passeio, causando o desperdício das potencialidades possíveis a serem trabalhadas por meio das atividades em campo (Viveiros; Diniz, 2009). É de responsabilidade do docente a elaboração de um roteiro, contendo: o percurso a ser feito, as paradas, os pontos de análise, os objetivos e propósitos da aula. Nesse sentido, Sousa e Campos (2018, p. 59) defendem que:

A aula de campo bem-organizada, e com objetivos estabelecidos pode oferecer aos alunos a oportunidade de vivenciar novas situações e discutir com outras pessoas situações já vivenciadas, interação ativa com o ambiente e, conseqüentemente, modificar o olhar do aluno ampliando-o e tornando-o mais crítico.

De acordo Rodrigues e Otaviano (2001), para que a aula de campo venha ser significativa, em termos de aprendizagem, é imprescindível o preparo, em que o trabalho em campo deve ser dividido em três momentos: a preparação, a realização e os resultados. Silva, Silva e Varejão (2010) por sua vez, denominam essas etapas como pré-campo, campo e pós-campo. Cada uma delas corresponde a uma fase do trabalho, possuindo um plano e objetivos próprios a serem alcançados. Nesse sentido, o pré-campo consiste na fase de preparação, momento em que ocorre o primeiro contato com o objeto de estudo e a curiosidade é estimulada. O campo, em seguida, é o momento da realização do planejamento, em que os alunos se deslocam e assumem o papel de investigadores, relacionando a prática com a teoria. Por fim, o pós-campo constitui a etapa final, na qual os dados e as informações obtidas são analisados, culminando em produtos como debates, relatórios, maquetes e exposições (Sousa; Campos, 2018).

O que Silva, Silva e Varejão (2010) denominam de “pré-campo” é a principal etapa do trabalho em campo. É a partir do pré-campo, na teoria e no planejamento, que a aula em campo se inicia. É importante frisar que a aula de campo é uma ferramenta que não só pode como deve ser utilizada por grande parte das disciplinas, a fim de favorecer o processo de ensino e aprendizado e a relação entre prática e teoria. Segundo essa perspectiva, a aula de campo, enquanto uma prática direcionada, favorece o exercício de uma prática crítica, pois estimula a curiosidade e, ao mesmo tempo, relaciona teoria e prática (Sousa; Campos, 2018).

É nessa etapa que o docente deve planejar como as teorias devem ser desenvolvidas em sala de aula, levando em consideração o campo e a habilidade dos alunos para estabelecer as conexões entre teoria e prática. Freire (1987) afirma que a práxis, a união da teoria com a prática, é a ação criadora modificadora da realidade. Uma das possibilidades de estabelecer essa relação entre teoria e prática é por meio do trabalho de campo, desde que desenvolvido com um planejamento sólido e aliado às discussões conceituais realizadas em sala. Dessa forma, para que essa articulação seja bem-sucedida, o planejamento é indispensável, o que inclui a elaboração detalhada de um roteiro que contenha os pontos de parada, as atividades de análise e a previsão da participação dos alunos.

Assim, antes da apresentação da proposta de aula de campo aos alunos, é necessário que o professor possua o conhecimento prévio desse trajeto e dos pontos de parada, de forma com que ele conheça melhor o circuito e domine o objeto de estudo. Dessa forma, o momento de preparação para a atividade fora da sala de aula vai além das instruções dadas aos alunos sobre o que levar, os trajes adequados a serem usados, a data, horário da saída e chegada. Todos esses aspectos são de extrema importância; no entanto, apenas eles não garantirão o êxito da atividade de campo. É nesse primeiro momento (o planejamento) que são definidos os objetivos principais, o trajeto a ser percorrido e, principalmente, de que forma as informações relevantes serão transmitidas aos alunos. Falcão e Pereira (2009, p. 9) destacam que o pré-campo se constitui como “[...] elemento fundamental em sua realização, já que é nele que o professor organiza a parte estrutural da saída da escola, é a partir desse momento que os alunos começam a ter contato com o objeto de estudo da aula de campo”.

Logo, o pré-campo, enquanto etapa de organização, pode interferir de modo positivo ou negativo no sucesso das etapas subsequentes do trabalho de campo. Por essa razão, a definição de certas condições é fundamental para o êxito dessa fase. Nesse sentido, Sternberg (1946, p. 18) estabelece os requisitos necessários à elaboração de um bom pré-campo, visando alcançar resultados positivos na atividade desenvolvida fora da sala de aula.

1. Assegurar o preparo técnico do professor e dos estudantes;
2. Elaborar o programa de trabalho – determinando o fim visado, as etapas a serem vencidas e os meios a empregar – e tomar as providências administrativas preliminares;
3. Selecionar e preparar o equipamento necessário para a realização do trabalho de campo.

O primeiro requisito na elaboração do pré-campo é o preparo técnico do professor e, consequentemente, dos alunos. Esse preparo consiste, primeiramente, no conhecimento prévio do local onde será realizada a atividade em campo. Logo, é necessário que o professor realize o percurso com antecedência, analise os pontos de parada e estude o local nas dimensões ambientais, sociais, políticas e econômicas.

Assim, o conhecimento prévio do trajeto é crucial, pois confere ao professor domínio da área a ser estudada, o que, por sua vez, aumenta o valor didático da atividade. Essa preparação prévia é determinante na elaboração do roteiro da aula de campo. Dessa forma, a excursão preliminar não só abre um leque de possibilidades para a abordagem do docente, como também

revela elementos passíveis de serem explorados pelos alunos e permite que ele preveja possíveis problemas ou obstáculos durante o trabalho.

Com o conhecimento e a análise prévia do local, o professor terá maior facilidade em determinar o melhor trajeto e em elaborar a programação ou o roteiro a ser seguido. É igualmente necessário, contudo, que os alunos também tenham conhecimento desse trajeto, visto que serão eles a percorrê-lo. Nesse momento, o professor pode utilizar diversas ferramentas para a apresentação, tais como mapas, croquis ou o próprio roteiro detalhado, por exemplo. Ao considerar o pré-campo como uma etapa crucial para o sucesso da aula, o conhecimento prévio do trajeto é tido como um requisito fundamental. Isso se deve ao fato de que ele auxilia diretamente o aluno nas reflexões teórico-práticas durante o desenvolvimento da atividade de campo. Sobre isso, Silva, Silva e Varejão (2010, p. 190-191) dispõe:

O pré-campo é fundamental para que o aluno acompanhe a trajetória a ser estudada e questione com curiosidade, sem repetir simplesmente aquela famosa frase que costuma ressaltar a cada parada: “O que é que eu estou fazendo aqui?”. O pré-campo vai nortear o aluno como uma representação da realidade. Quando estiver na aula de campo, a sua mente já estará aberta às reflexões teórico-práticas que fundamentam a pesquisa.

Por fim, a excursão preliminar traz outras vantagens para outros pontos do planejamento, o que contribui para o desenvolvimento pleno das outras subetapas. Além de facilitar o planejamento do roteiro, a análise prévia, o pré-campo, possibilita que o professor se organize a respeito dos materiais necessários a serem utilizados em campo, não só por ele como também pelos alunos.

Outro ponto que pode ser resolvido, a partir da excursão prévia, é o atendimento às providências administrativas, como o requerimento de algum meio de transporte, o acesso a alguma área, cálculo das despesas e a solicitação de autorização dos pais e ou responsáveis pela criança ou adolescente. Dessa forma, quando se possui um roteiro que contenha o percurso e os horários de saída e chegada, isso faz com que os responsáveis tenham mais segurança ao autorizarem a participação referida aula.

3. Planejamento do pré-campo e a leitura das rugosidades (rugos) da cidade: uma proposta em Ilhéus-BA

As proposições sobre a relevância da aula de campo na construção de conhecimentos em Geografia evidenciam, de forma particular, como essa ferramenta colabora para que o aluno consiga estabelecer relações entre a teoria desenvolvida em sala de aula e a sua realidade mais

concreta. Contudo, para que essa metodologia atinja o sucesso esperado, é indispensável que haja um planejamento prévio (pré-campo) da atividade a ser desenvolvida com os alunos.

Assim, para que a aula de campo se desenvolva e produza resultados satisfatórios, é importante não somente uma reflexão teórica, mas também um planejamento minucioso de toda a atividade (Sansolo, 2000). Nesse sentido, visando a um resultado positivo, “o planejamento do trabalho de campo necessariamente precisa seguir alguns princípios, que vão desde visita prévia ao lugar, passando pelo domínio das abordagens durante o trajeto, até a efetivação propriamente da atividade e posterior avaliação dos resultados” (Sampaio; De La Fuente, 2019, p. 460).

Nesse sentido, tão importante quanto a realização da atividade fora da escola, o pré-campo é o momento de planejamento minucioso do professor para garantir que os alunos possam estabelecer conexões entre os conhecimentos geográficos e o seu espaço de vivência. Logo, essa relação começa a ser estabelecida pelo docente a partir do planejamento prévio (pré-campo) do trabalho de campo. Dessa forma, ao considerar os enunciados acima e os requisitos estabelecidos por Sternberg (1946) para o sucesso da aula e do pré-campo, o presente trabalho desenvolveu uma proposta para a elaboração desta etapa. A idealização dessa proposição parte da ideia de que a aula de campo não deve ser uma surpresa, mas uma atividade bem planejada, com “[...] objetivos bem delimitados para alcançar as aprendizagens que se deseja desenvolver no que diz respeito à construção de conceitos” (Callai, 2002, p. 126).

A proposta elaborada foi desenvolvida no ano de 2022 e tomou como *lócus* o centro histórico da cidade de Ilhéus, na Bahia, com o propósito de identificar as rugosidades (rugos) da cidade. “[...] As rugosidades são o espaço construído com o tempo histórico que se transformou em paisagem e for incorporada ao espaço [...]” (Santos, 2004, p. 172). Elas são o testemunho de um modo de produção e de uma dimensão temporal que mantém traços históricos como revestimentos, azulejos, cerâmicas, fachadas ou construções arquitetônicas.

Com o objetivo da atividade bem delimitado, estabelecemos sugestões¹ de cinco etapas para o desenvolvimento e elaboração do pré-campo, tendo como referência o centro histórico de Ilhéus-BA. São elas:

¹ Não é pretensão deste trabalho criar uma receita ou determinar uma forma correta de preparar o pré-campo. A intenção, contudo, é apresentar uma proposta sobre como desenvolver, a partir da excursão prévia ao local de estudo, um material didático que possa ser utilizado para apresentar aos alunos o roteiro e o percurso previamente realizados pelo professor.

1. Selecionar o local para o desenvolvimento da atividade de campo;
2. Estabelecer um trajeto prévio;
3. Ir a campo em uma visita prévia de reconhecimento;
4. Realizar registros fotográficos;
5. Traçar o trajeto definitivo.

A primeira etapa constitui-se como uma das mais importantes, pois é nesse momento que o professor, a partir do objetivo previamente estabelecido, determinará o local onde será desenvolvida a aula de campo. Assim, a escolha do espaço deve estar diretamente relacionada aos conteúdos que os alunos estão estudando em sala de aula. No entanto, o local para a saída de campo não precisa ser necessariamente distante da realidade do estudante. É mais produtivo pensar em uma aula que possa ser desenvolvida a partir do seu espaço cotidiano, como o bairro, o entorno da escola ou, até mesmo, a cidade onde o aluno reside (Callai, 2002).

Este é o momento de selecionar o laboratório para compreender o mundo e as relações que nele são produzidas, uma vez que a Geografia escolar tem por objetivo fazer com que as pessoas entendam o mundo e, ao mesmo tempo, se compreendam como sujeitos atuantes nele (Callai, 2014). Além disso, nesta primeira etapa do planejamento, devem-se estabelecer as conexões iniciais para estimular os alunos a refletirem sobre o seu lugar no mundo e sobre como o local pode ser o caminho para compreender o global (Callai, 2002).

Em conjunto com a definição do lugar em que vai ser realizada a aula, há o momento de definir o trajeto prévio a ser percorrido durante a próxima etapa de visita prévia de reconhecimento. Na proposta de pré-campo, no centro histórico de Ilhéus-BA (Figura 1), considerando o conhecimento prévio dos autores, estabelecemos um circuito preliminar, tendo como requisitos os principais lugares de referência. Assim, adotamos como ponto de saída do pré-campo e, posteriormente, da aula de campo, a Catedral de São Sebastião e, como chegada do trajeto, a Igreja de São Jorge dos Ilhéus.

Para a elaboração do trajeto preliminar (Figura 1) de pré-campo, utilizamos imagens de satélite oriundas da plataforma *Google Earth*. A opção por essa ferramenta, para a elaboração de um mapa com o roteiro do pré-campo, se deu por ser uma ferramenta que nos permite localizar os lugares de referência e por ser de pouca complexidade no uso.

Figura 1 - Trajeto Preliminar do pré-campo no centro histórico de Ilhéus-BA



Fonte: Google Earth (2022)

Assim, com trajeto preliminar estabelecido, o pré-campo foi iniciado na Catedral de São Sebastião (Figura 2), uma das referências para o turismo local. A escolha da catedral como local de saída do campo não foi aleatória, pois foi justamente por esse local ser umas das marcas do passado colonial da cidade. Sua construção teve início em 1931, com a demolição de uma antiga capela construída no século XVIII, pelos padres jesuítas e, somente em 1967, o sonho do Bispo D. Eduardo Herbenhold foi concluído. Todo recurso destinado à construção de templo neoclássico, com vitrais artísticos, colunas gregas e abóbadas romanas, foi feito com dinheiro vindo do exterior e de campanhas realizadas pelos fiéis.

Figura 2 - Catedral de São Sebastião - Ilhéus-BA



Fonte: acervo dos autores (2022)

Assim, a partir do ponto inicial do pré-campo e ao longo de todo trajeto foram feitos registros fotográficos das rugosidades presentes no centro histórico da cidade, para posterior

análise e seleção dos pontos de parada da aula de campo. Essa etapa é importante, uma vez que a “[...] observação da paisagem não se finda em si mesma, ela requer análise do contexto, da conjuntura política, e dos diferentes pontos de vista dos diferentes sujeitos envolvidos” (Sampaio; De La Fuente, 2019). Vale destacar que essa reflexão requer um momento de avaliação preliminar.

Ademais, esses registros também proporcionam a oportunidade de analisar o formato que o percurso da aula tomará. Embora exista um trajeto pré-estabelecido, este não deve ser obrigatório, mas sim flexível, permitindo novas percepções que se tornam possíveis apenas ao trilhar caminhos diferentes. Durante o pré-campo proposto inicialmente, buscamos seguir o trajeto previamente definido; contudo, houve desvios na rota que possibilitaram trazer novas percepções a serem desenvolvidas durante a aula de campo.

No decurso do reconhecimento prévio no centro histórico, foram encontradas rugosidades que não estavam previstas no desenho inicial do pré-campo. É exemplo disso o prédio da Sociedade União Protetora dos Artistas e Operários (Figura 3), imóvel construído em 1930. No momento da realização da atividade, o prédio encontrava-se abandonado, sendo ocupado por pessoas em situação de rua e animais. Recentemente, no entanto, devido à falta de manutenção da estrutura, o prédio desabou e, hoje, restam apenas ruínas no local.

Figura 3 - Prédio da Sociedade União Protetora dos Artistas e Operários - Ilhéus-BA



Fonte: acervo dos autores (2022)

Assim, essas rugas são o “[...] testemunho de um momento e de suas manifestações concretas, ou seja, a memória de um espaço construído e que não se desfaz, mas se adaptam novas formas de se inserir dentro delas” (Santos, 2004, p. 173). Uma das marcas que se adaptaram ao longo do tempo é o Palácio do Paranaguá (Figura 4). Originalmente, este edifício

era o antigo colégio “Casa Nossa Senhora do Socorro”, construído pelos jesuítas, porém foi demolido em 1898 para dar lugar às obras do palácio, que foi inaugurado em 1907. Apesar de ter passado por diversas reformas desde sua inauguração, o prédio ainda preserva as rugas do seu projeto original.

Figura 4 - Palácio do Paranaguá - Ilhéus-BA



Fonte: acervo dos autores (2022)

Entretanto, como evidenciado, as rugosidades não se referem apenas aos prédios ou às construções antigas, mas sim aos resquícios desses locais que, de certa forma, foram maquiados ou apropriados por construções modernas, porém cujas marcas ainda podem ser visualizadas. Diante disso, durante o pré-campo, foram registrados azulejos antigos (Figura 5) na calçada do centro histórico que, muitas vezes, passam despercebidos no cotidiano, mas que podem ser um ponto de reflexão sobre o apagamento do passado e da história da cidade.

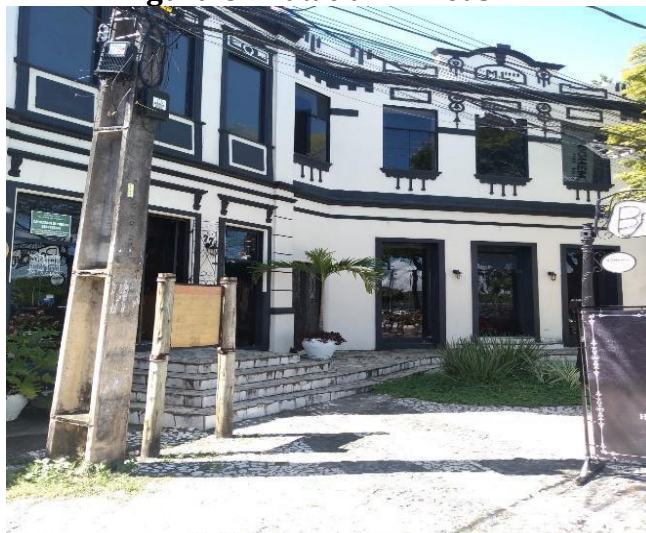
Figura 5 - Azulejos próximo ao Ponto Chic - Ilhéus-BA



Fonte: acervo dos autores (2022)

Durante o percurso estabelecido preliminarmente, o Bataclan (Figura 6) seria um dos pontos de intervenção durante a aula de campo, por um ser um dos principais pontos turísticos da cidade. O local faz parte da história de Ilhéus e ficou amplamente conhecido pela obra de Jorge Amado, *Gabriela, Cravo e Canela*, sendo descrito como um lugar para dança, shows e cassino. Atualmente o edifício se tornou um restaurante e um espaço aberto para visitação.

Figura 6 - Bataclan - Ilhéus-BA



Fonte: acervo dos autores (2022)

Assim, considerando percurso preliminar e os desvios de rota, a visita inicial de reconhecimento foi finalizada na igreja mais antiga da cidade, a de São Jorge dos Ilhéus (Figura 7). Como marca do período colonial, o templo foi construído com pedras de cantaria, inaugurado em 1556 e passou a ser parada obrigatória para todos os turistas que visitam a cidade. Mesmo com as diversas reformas, a igreja ainda mantém suas rugosidades conservando seu estilo e características originais.

Figura 7 - Igreja de São Jorge - Ilhéus-BA



Fonte: acervo dos autores (2022)

Com o fim da visita de reconhecimento prévio e da coleta dos registros fotográficos, ocorreu o momento de estabelecer o trajeto final a ser realizado na aula de campo. Existem diversas formas de apresentar esse percurso aos alunos; neste trabalho, optou-se pela elaboração de dois mapas como subsídio. Neles, foram demarcados o trajeto e os registros fotográficos das principais rugosidades selecionadas durante o pré-campo. No entanto, nem todos os registros foram inseridos nos mapas, justamente para aguçar a percepção do aluno durante a atividade.

Além disso, os mapas de apresentação possuem a mesma proposta, mas foram confeccionados com materiais diferentes para que a maior parte dos alunos pudesse usufruir do material. Desse modo, um dos mapas (Figura 8) foi elaborado em papel cartolina, demarcando o trajeto e os registros fotográficos de pontos diferentes da aula de campo.

Figura 8 – Mapa para Aula de Campo em cartolina - Trajeto Definitivo



Fonte: elaborado pelos autores (2022)

Já para o outro mapa (Figura 9), a proposta foi diferente, pois o mapa foi construído a partir de imagem de satélite do aplicativo *Google Earth Pro* (GEP), contendo o trajeto e os registros fotográficos dos principais pontos da aula de campo. A ideia dessa produção foi permitir que mais alunos pudessem ter contato com o percurso da aula de campo e não se restringir apenas ao mapa físico (de papel).

Figura 9 - Mapa para Aula de Campo Digital – Trajeto definitivo



Fonte: elaborado pelos autores (2022)

Diante do exposto, verificamos que os encaminhamentos teóricos relacionados ao planejamento da aula de campo foram importantes para evitar sua banalização como atividade de recreação sem finalidade pedagógica (Sampaio; De La Fuente, 2019). Além disso, a proposição de pré-campo no centro histórico de Ilhéus-BR foi de extrema relevância para dar suporte para o planejamento à etapa preliminar a saída de campo.

Logo, com planejamento e objetivos bem delimitados, a aula de campo se configura como uma oportunidade para estabelecer uma relação entre o espaço vivido pelos alunos e os conhecimentos necessários à sua formação. Assim, a realização do pré-campo é essencial para dinamizar a aula e facilitar as problematizações levantadas pelos estudantes durante o desenvolvimento da atividade.

4. Considerações Finais

Como toda atividade pedagógica, a aula de campo também é uma possibilidade de construir conhecimentos em Geografia. Com ela, o professor tem a oportunidade de levar os alunos a conhecerem um local que lhe permite refletir sobre a realidade, bem como possibilita que eles compreendam sobre como os fenômenos aprendidos em sala se manifestam no espaço. Porém, para alcançar esse objetivo, o planejamento prévio (pré-campo) se apresenta como uma etapa fundamental para garantir o sucesso da aula de campo.

Assim, a realização da atividade no centro histórico foi uma forma de demonstrar como o pré-campo é importante para conhecimento prévio do trajeto a ser desenvolvido na aula de campo. Essa etapa, além de contribuir para o sucesso das etapas subsequentes, faz com que o

professor tenha domínio da área a ser estudada, aumentando o valor didático atribuído às reflexões ao longo da atividade de campo. Ademais, essa etapa de preparação permite que o docente possa desenvolver ferramentas que facilitem aos alunos o alcance do objetivo delimitado para a aula campo.

Dessa forma, o planejamento adequado mostra-se indispensável, pois expande os horizontes para variadas possibilidades de abordagem, evidencia elementos que podem ser explorados no processo de ensino e aprendizagem. Para além disso, permite que o professor preveja os possíveis obstáculos que podem vir a surgir antes e durante a ida a campo, de forma que ele possa providenciar a resolução desses problemas. Com todo esse cuidado e programação, não haverá desperdício das potencialidades que a aula de campo pode oferecer.

Portanto, o planejamento adequado à aula de campo viabiliza a possibilidade de os alunos lerem o espaço a partir do contexto do qual fazem parte. Sendo assim, essa é uma prática política que os leva a estabelecer relações entre a teoria e aquilo que é socialmente produzido no espaço. Consequentemente, essa abordagem contribui para que o aluno amplie sua leitura crítica do mundo, mas, principalmente, do espaço com que convive cotidianamente.

5. Referências

BEHRENDT, M.; FRANKLIN, T. A review of research on school field trips and their value in education. **International Journal of Environmental & Science Education**. v. 9, p. 235-245, 2014.

BUENO, M. A. A Geografia escolar e a ideia de lugar no currículo a partir da elaboração de mapas mentais. In: CALLAI, H. C. (org.). **Educação Geográfica: reflexão e prática**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2014. p. 295-314.

CALLAI, H.C. Estudar o lugar para compreender o mundo. In: CASTROGIOVANNI, A. C (org). **Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, 2002. p. 83-134.

CALLAI, H. C. Apresentação. In: CALLAI, H. C. (org.). **Educação Geográfica: reflexão e prática**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2014. p. 15-34.

CAVALCANTI, L. S. **Geografia, ensino e construção de conhecimentos**. 14^a ed. Campinas: Papirus, 2010.

CAVALCANTI, L. S. **Pensar pela Geografia: ensino e relevância social**. Goiânia: C&A Alfa Comunicação, 2019.

FALCÃO, W. S.; PERREIRA, T. B. A aula de campo na formação crítico/cidadão do aluno: uma alternativa para o ensino de Geografia. In: ENCONTRO NACIONAL DE PRÁTICA DE ENSINO DE GEOGRAFIA, 10., 2009, Porto Alegre. **Anais[...]**. Porto Alegre, 2009. Disponível em: <http://docplayer.com.br/22646088-A-aula-de-campo-na-formacao-critico-cidadaoaluno-uma-alternativa-para-o-ensino-de-geografia.html>. Acesso em: 02 ago. 2022.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 22ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

RESENDE, M. S. **A Geografia do aluno trabalhador**: caminhos para uma prática de ensino. São Paulo: Loyola, 1989.

RODRIGUES, A. B.; OTAVIANO, C. A. **Guia metodológico de trabalho de campo em Geografia**. Revista Geografia, Londrina, v. 10, n. 1, p. 37-42, 2001. Disponível em: <http://observatoriodageografia.uepg.br/files/original/c8ee8fa4088010258e4ae2bab7e697d5344cd1b0.pdf>. Acesso em: 25 mai. 2022.

SAMPAIO, A. A.; DE LA FUENTE, A. R. S. O trabalho de campo no ensino de Geografia. **Caminhos de Geografia**, Uberlândia, v. 20, n. 69, p. 451-466, 2019. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/41549>. Acesso em: 10 jun. 2025.

SANSOLO, D. G. O trabalho de campo e o ensino de geografia. **GEOUSP Espaço e Tempo (Online)**, São Paulo, Brasil, v. 4, n. 1, p. 135-145, 2000. Disponível em: <https://revistas.usp.br/geousp/article/view/123409>. Acesso em: 20 jul. 2025.

SANTOS, M. **Por uma Geografia Nova**: da crítica da Geografia a uma Geografia Crítica. 4ª ed. São Paulo: Edusp, 2004.

SILVA, J. S. R.; SILVA, M. B.; VAREJÃO, J. L. Os (des)caminhos da educação: a importância do trabalho de campo na geografia. **Revista Vértices**, [S. l.], v. 12, n. 3, p. 187-198, 2010. Disponível em: <https://editoraessentia.iff.edu.br/index.php/vertices/article/view/1809-2667.20100030..> Acesso em: 7 ago. 2025.

SILVA, L. A.; CARVALHO, M. E. S. Impactos socioambientais do “Rio do Peixe” no município de Coronel João Sá – BA sob o olhar do discente. **Para Onde!?**, Porto Alegre, v. 12, n. 2, p. 135-145, 2019. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/paraonde/article/view/97516>. Acesso em: 10 jun. 2025.

SOUSA, J. R.; CAMPOS, C. R. P. **Aventura Pedagógica nas Trilhas do Parque Mochuara**: contribuições da aula de campo para a alfabetização científica em Vitória: Instituto Federal do Espírito Santos, 2018. (Série Cadernos Pedagógicos, v. 18).

STERNBERG, H. O. **Contribuição ao ensino de Geografia**: o trabalho de campo na Geografia e o laboratório de Geografia e o equipamento didático. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1946.

VIVEIROS, A. A.; DINIZ, R. E. S. **Atividades de campo no ensino das ciências e na educação ambiental:** refletindo sobre as potencialidades desta estratégia na prática escolar. **Ciência em Tela**, v. 2, n. 1, p. 1- 12, 2009. Disponível em:
<http://www.cienciaemtela.nutes.ufrj.br/artigos/0109viveiro.pdf>. Acesso em: 02 ago 2022.

